

IRRADIAR A FÉ CRISTÃ NA SOCIEDADE HOJE

Wolfgang Gruen, sdb*

Inegavelmente, o cristianismo histórico conserva grande “eco social”.¹ Voltaremos então a propagar a religião católica com os métodos “missionários” tradicionais? Em absoluto. Já o título da palestra de hoje deixa isto claro: falamos de irradiação da *fé cristã*, não da religião. Tomamos *fé* no sentido básico de atitude de quem se entrega com total confiança a Deus, vendo nele a razão última da própria existência; e faz desta entrega o eixo central de sua vida, que orienta todo o seu agir. É a “*fides qua creditur*” dos tratados clássicos de teologia. A *religião* é a concretização histórica da fé: sua exteriorização dentro de uma cultura, através de um sistema de símbolos, com determinadas estruturas de pertença. No cristianismo, essa concretização

Irradiar a fé cristã é
um anseio legítimo
também hoje,
se não resvalar
em proselitismo ou
manipulação.

da fé dá-se em “Igrejas” ou “confissões” cristãs.

A fé enquanto atitude é algo profundamente pessoal; a rigor, não se ensina nem se transmite: é dom, graça. O que podemos fazer é ajudar outros a acolherem o dom da fé, removendo obstáculos, criando ambiente propício, oferecendo mediações de todo tipo. Teremos sempre o cuidado de não exercer excessiva influência, para que nossa ajuda não degenerem em indiscrição, proselitismo, manipulação.² Por isso, no título de nossa palestra evitamos termos como *transmitir* ou *propagar* a fé; preferimos o verbo *irradiar*, que sugere algo como emitir calor, luz, som; não mostra preocupação com resultados, com a recepção do que é irradiado.

Conscientemente ou não, sempre agimos a

* Professor de Exegese Bíblica e Pastoral Catequética no Instituto Santo Tomás de Aquino e no Seminário da Arquidiocese de Belo Horizonte. Autor de numerosas publicações no campo da teoria da catequese e do ensino religioso.

¹ Cf. João Batista LIBÂNIO, Plausibilidade do cristianismo histórico no mundo atual. *Nesta revista*, p. 7-22. Carlos PALÁCIO, A originalidade singular do cristianismo. In: *Perspectiva teológica* 26 (1994), 311-339. Jurgen WERBICK. *Vom Wagnis des Christenseins. Wie glaubwürdig ist der Glaube?* München, Kösel, 1995.

² O Concílio Vaticano II adverte: “Na difusão da fé religiosa e na introdução de costumes, será sempre preciso abster-se de qualquer tipo de ação que possa dar a impressão de coibição ou de persuasão desonesta ou menos correta, sobretudo quando se trata de gente imatura ou necessitada. Agir desse modo deve ser considerado abuso do direito próprio e lesão do direito alheio” (Declaração *Dignitatis Humanae*, 1965, n. 4).

partir de alguma razão e em vista de certas metas – os célebres *woher* e *wohin* dos filósofos alemães. O porquê e o para quê, aliás, estão interligados. No que diz respeito ao nosso tema, é importante explicitá-los.

Irradiar a fé por quê?

Ainda em passado recente, a resposta parecia óbvia: “Porque só na fé cristã se encontra a salvação, conforme a palavra de Jesus, «*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*» (Jo 14,6); daí o axioma «*Fora da Igreja não há salvação*» (S. Cipriano, séc. III).” Os cristãos estávamos convencidos de que detínhamos o monopólio da verdade religiosa; os “outros” só podiam, pois, ser intrusos, concorrentes, adversários, a serem convertidos ou pelo menos neutralizados.

Hoje continuamos convictos de que importa irradiar nossa fé. Mas as motivações de ontem não regem mais. Será que a verdade cabe toda em nossas mãos? Ou “outros” estão todos fora do caminho da salvação, errados? Após o Concílio Vaticano II, afirmamos tranquilamente não só que membros de outras crenças podem ser salvos, mas que tais crenças podem ser caminho de salvação para eles.³

Sendo assim, por que ainda havemos de irradiar nossa fé? Porque estamos convencidos de que encontramos um grande tesouro; sentimos necessidade de partilhar nossa alegria e nosso tesouro com os outros. Aprofundando: temos consciência de que recebemos algo, Alguém, que é realmente único e indispensável: Jesus Cristo, que nos mostra

com sua vida e palavra quem é Deus – onde encontrá-lo – como chegar à salvação. Para essas e outras questões básicas, Jesus nos proporciona novo lugar hermenêutico, os pequenos e excluídos.

Acontece que outros também têm suas experiências a partilhar conosco. E aí, como reagimos? Isto nos introduz ao segundo interrogativo, ao para quê.

Irradiar a fé para quê?

Para *converter* os outros? Também. Mas atenção: não necessariamente para convertê-los à Igreja católica ou outra Igreja cristã. Talvez para se converterem aos valores evangélicos inconscientemente presentes na vida e na crença deles; para se converterem à causa do “Reino de Deus”, para usar uma expressão dos evangelhos. Mas não é só isto: irradiamos nossa fé para, através do diálogo com outros, fa-

vorecermos também *nossa* conversão permanente – como pessoas e como instituição. Conversão para valores evangélicos de que nós talvez sequer nos demos conta; para correção de erros, conscientes ou não.⁴ Para tudo isto não podemos prescindir do “outro”. Em outras palavras, irradiar a fé importa em duplo movimento: vamos ao encontro do outro e, ao mesmo tempo, somos por ele enriquecidos.

Na realidade, esse diálogo de enriquecimento mútuo não é tão simples. Exige discernimento, para evitar os escolhos tanto de exclusivismo religioso de memória nada saudável, como do relativismo, ou de um sincretismo sem balizas. Há todo um conjunto de providências que podem educar-nos a

As motivações de hoje não são as mesmas de ontem, que levavam a “impor” a fé como único caminho de salvação. Irradiar a fé visa a um enriquecimento mútuo, dos cristãos e dos outros, acolhendo as diferenças.

³ Cf. Paul KNITTER. **Diálogo Inter-religioso e Ação Missionária**. Subsídio para o COMLA V s/1, s/d. (1995).

⁴ Boas pistas para o importante conceito *conversão* em SIDIC XXIX, 1 (1996): **Teshuvah et Repentance**. A revista é publicada pelo Serviço Internacional de Documentação Judeu-Cristã, de Roma.

esse discernimento: será objeto de reflexão em outros debates.

INTERLOCUTORES

Na área da comunicação humana, o referencial mais importante é o interlocutor – suas necessidades e, importante, suas potencialidades. Nesta palestra, somos forçados a limitar-nos ao interlocutor-chave, ao adulto. Mesmo assim, o cenário é complexo. Nem sequer dos católicos conseguimos traçar uma tipologia satisfatória, tantos são os vetores socioeconômicos, culturais, psicológicos, religiosos, que se entrecruzam. Sem rigor científico, inspirando-nos em dois recentes documentos da CNBB,⁵ podemos distinguir nove situações básicas de interlocutores católicos.

1. *Católicos batizados, mas não praticantes:*

- os que conservam certos laços sociais, culturais, com o catolicismo;
- os afastados por mera indiferença;
- os secularizados que se afastaram porque nossa linguagem não os atinge mais;
- os marginalizados/excluídos, que nós muitas vezes esquecemos;

2. *Católicos que vivem e irradiam sua fé:*

- os que desvinculam a fé da vida: freqüentam igrejas, mas continuam gerando ou conser-

- vando as estruturas sociais injustas;
- os que praticam um catolicismo popular pré-moderno, de pouca articulação entre fé e vida, mas que são mais vítimas que responsáveis por nossas estruturas injustas;
- os membros de movimentos típicos da modernidade, como a Renovação Carismática Católica;

- as Comunidades Eclesiais, células vivas da Igreja, atuantes em todos os setores da vida;
- grupos de transformação da sociedade em nome da fé, muitas vezes atuando onde ainda não existem condições para o surgimento de uma Comunidade Eclesial.

A estes acrescentem-se, e estamos apenas esquematizando:

- membros de outras Igrejas cristãs;
- membros de outras tradições religiosas;
- pessoas que nunca se colocaram a questão da fé;
- a sociedade como interlocutora global, onipresente.

O diálogo exige a compreensão do interlocutor e de sua motivação. Esta varia pela complexidade das situações socioculturais e pela diversidade das etapas da vida e ainda pela tendência, bem moderna, a sempre experimentar o novo e a refazer o projeto de vida.

Como se não bastasse, temos hoje consciência de um complicador ainda pouco estudado entre nós: a “complexidade” de nossa sociedade. Tomamos o termo em seu recente sentido técnico que, em síntese, pode ser assim descrito: em nossa sociedade plural, os pontos de referência multiplicam-se de maneira crescentemente acelerada; globalização e interações em todos os níveis espalham e entrecruzam sementes das mais diversas culturas; surgem então sempre novas e mais numerosas

⁵ Cf. CNBB, **Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil 1991-1994**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1991, n. 58-60; CNBB, **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998**. São Paulo, Paulinas, 1995, n. 95-98; 160; 171; p. 230-235. Paulo SUESS, La misión de la Iglesia en el mundo. A los 30 años de **Ad Gentes** (7 de diciembre de 1965). In: **Spiritus**. Ed. hispanoamericana 140 (1996), p. 121-135.

espécies culturais. Evidentemente, essa miscigenação atinge também o campo religioso.

Diante de um quadro tão complexo, quantas idiossincrasias, quantas necessidades específicas a serem atendidas, quantas potencialidades a serem valorizadas. Será que damos conta de irradiar nossa fé para interlocutores tão diferenciados e em contínua mutação? Até certo ponto, sim: há uma linguagem básica, capaz de estabelecer comunicação com todo tipo de pessoa. Mas é inegável que, nessa selva de situações, também se requer certo políglotismo que facilite o diálogo. Não podemos descer a detalhes; mas queremos focalizar duas questões que merecem especial atenção.

Emergência do provisório radical

Estamos acostumados ao acelerado multiplicar-se de novas religiões ou grupos religiosos autônomos mais ou menos sistematizados: à crescente variedade de ofertas corresponde uma crescente fragmentação do mapa religioso do País.

Agora, porém, assistimos a um novo desdobramento, bem dentro da lógica da pós-modernidade. O indivíduo vai montando a *sua* religião, com material pinçado entre os sistemas existentes, acrescido a gosto com elementos criados *ad hoc*. Pela própria lógica do processo, essa religião assim personalizada vai continuamente eliminando detalhes que já não agradam mais, e incorporando outros agora mais atraentes. O indivíduo vai retocando sua religião com a mesma desenvoltura com que se adapta a novas modas. É a opção pelo provisório levada ao extremo; radical.

Essa prática muda o próprio conceito de reli-

gião: esta deixa de ser uma realidade instituída. Muda até o conceito de fé: em sua forma mais exigente, a fé cristã sempre procurou viver a “dinâmica do provisório”.⁶ Mas no provisório cristão há algo de essencial que permanece: o projeto do seguimento de Jesus, bem como o eu como parte de um nós. O cristão aposta tudo neste projeto, e em definitivo: “Vende tudo, vai e compra aquele campo” (Mt 13, 44-46). Já no provisório radical não há lugar para um projeto; e plural de eu não é *nós*, mas *eus*.⁷

Claro que fazemos questão de manter aberto o diálogo também com este sincretismo no singular; mas ele exige especial compreensão e competência.

Psicologia evolutiva do adulto

Mesmo dispondo de pouco espaço para um assunto muito vasto, não podemos deixar de pelo menos mencionar uma segunda questão – por sua importância e porque ela é raramente levada em conta. Refiro-me à psicologia do adulto. Todo educador aprende a respeitar os estágios evolutivos da criança, do adolescente, do jovem. Ora, também o adulto é um “ser em permanente construção”.⁸ O itinerário da fé não se identifica sem mais com este processo de maturação humana que acompanha a pessoa ao longo de sua vida; mas há relações entre os dois, fato que não pode ser negligenciado sem graves conseqüências.⁹

Também as comunidades e os grupos têm uma como psicologia evolutiva, tão bem estudada por S. Freud;¹⁰ têm suas necessidades e potencialidades.

Aspecto importante da psicologia evolutiva, também do adulto, é o da *motivação*. A formação clerical de muitos agentes de pastoral faz com que

⁶ Título de um livro de Roger SCHUTZ, fundador da comunidade ecumênica de Taizé.

⁷ A expressão é de Massimo CANEVACCI, em entrevista a Bruno Liberati: O sincretismo luta contra a dominação. In: **Jornal do Brasil**, 1.9.1996, Caderno B, p.6.

⁸ Cf. Emilio ALBERICH SOTOMAYOR/Ambroise BINS, **Catequesis de Adultos. Elementos de metodologia**. Madrid, Centro Catequístico Salesiano, 1994, p. 64. Em seu Capítulo 4 esta obra analisa três modelos teóricos que estudam a psicologia evolutiva do adulto: o de Erik ERIKSON (o ciclo vital), o de Daniel LEVINSON (as estações da vida), e o de Robert KEGAN (a vida como produção de sentido). Cf. também: Mario POLLO. *Giovani e Adulti Oggi. Una lettura antropologica*. In: **Note di Pastorale Giovanile XXIV** (1990,5), p. 10-17. Carlo MOLARI, *Il Cristiano Adulto: l'Uomo dalla Fede Adulta*. *Ibid.*, p.18-31.

⁹ Cf. ALBERICH/BINS, op. cit., p.78-94, com boa análise crítica dos modelos teóricos de James FOWLER e Fritz OSER. Cf. também Joy K. PULIKAN SDB. **A study on James William Fowler's Concept of Faith Development and the Stages of Faith**. Tese de Doutorado na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, 1995.

¹⁰ Sigmund FREUD, Edição Standard Brasil das Obras Psicológicas Completas. v. XVIII: **Além do Princípio de Prazer. Psicologia de Grupo e outros Trabalhos**. Rio, Imago, 1976. Cf. p. 87-179: Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921).

sua atenção se volte quase exclusivamente para o conteúdo doutrinário que se deseja passar adiante; dessa forma, descuidou-se da outra ponta, da recepção da mensagem: quais as necessidades e expectativas, resistências e obstáculos, os impulsos do interlocutor, seja ele pessoa ou grupo. É aí que entra a motivação – estímulo interno e externo que serve de ponte entre os interesses concretos da pessoa e a proposta que lhe é feita.¹¹ É fácil notar, por exemplo, que o jovem concentra suas motivações no eu (mesmo quando se empenha pelo bem dos outros); o adulto entre os 25 e 30 anos é mais motivado por questões de amor e família (mulheres) ou profissão (homens); já no ancião as motivações vão diminuindo, a não ser que sejam cultivadas com empenho.

Talvez seja interessante sintetizar num quadro geral o que, com frequência, costuma motivar ou desmotivar as pessoas para o fato cristão.¹² Mencionaremos só o que desmotiva; na medida em que essas lacunas não ocorrerem, a pessoa estará mais motivada.

■ *No passado:*

- falta de socialização religiosa;
- metamensagem negativa da vida familiar na infância;
- falta de gradual amadurecimento da personalidade;
- falta de educação religiosa.

■ *No presente:*

- falta de referencial diante da multiplicidade de ofertas religiosas;

- dúvidas não resolvidas;
- problema ético mal equacionado;
- metalinguagem negativa da Igreja local e/ou de seus agentes, ou mesmo emissão de sinais contraditórios; aí a pessoa ou faz uma opção mais ou menos consciente; ou relativiza tudo; ou sofre de esquizofrenia entre seus princípios e a prática.

■ *Quanto ao futuro:*

- falta de horizontes, de esperança.

Também aqui estamos diante de uma intrincada rede de fatores: cada uma tem suas exigências próprias, e todas relacionam-se e se influenciam entre si. É um assunto vasto e árduo, a ser aprofundado por equipes interdisciplinares de especialistas.

Irradiar a fé é criar
condições para que as
pessoas façam uma
experiência.
Experiência é mais que
vivência: é interpretar as
vivências, é dar-lhes um
sentido último.

ESPAÇOS

Na Itália tem-se dado o sugestivo nome de “território” ao contexto social enquanto rede de relações que interliga pessoas, grupos e instituições na busca de soluções em conjunto para os problemas comuns.¹³ Vejamos alguns dos principais espaços que constituem o “território” em que se processa a irradiação da fé.

A experiência como espaço interior

Irradamos nossa fé em primeiro lugar pelo que somos e pelo modo como vivemos. Pois irradiar a fé é antes de mais nada criar condições exteriores e interiores para uma realização antropológica

¹¹ Cf. ALBERICH/BINS, op. cit., cap. 3: p. 47-63.

¹² Cf. Giancarlo MILANESI, *Giovani e Società Complessa: le radici della lontananza religiosa*. In: **Note di Pastorale Giovanile**, 1986, p. 3-11.

¹³ Sob enfoque pastoral, boa panorâmica no verbete **Território**, de Juan VECCHI, em Mario MIDALI e Riccardo TONELLI (Org.). **Dizionario di Pastorale Giovanile**. Torino-Leumann, LDC, 1989, p. 1112-1118.

fundamental a que chamamos experiência. Em que sentido tomamos aqui esse termo tão polissêmico?¹⁴

Em nossa vida ocorrem umas tantas situações vividas com especial intensidade e emoção: ser acolhido e valorizado; poder ajudar em momentos de grande necessidade; ser confrontado com intensas alegrias ou dores, como nascimento ou morte, algo de impressionantemente belo, o impacto de uma comunidade “diferente”. São as chamadas “vivências”. Pois bem, a vivência refletida e interpretada é que constitui uma *experiência*. Para podermos elaborar e comunicar nossa experiência, sentimos necessidade de a codificar em palavras, imagens ou gestos; neste sentido, também essa codificação pode ser considerada elemento constitutivo da experiência.

Quer sobrevenha numa celebração religiosa ou num jogo de futebol, a vivência é sempre simplesmente humana. Não assim a experiência: conforme a interpretação que dela fizermos, será cristã, judaica, islâmica ou, talvez até sem adesão a determinado grupo religioso, experiência “religiosa”.¹⁵

A rigor, a experiência não se transmite a outros. Aos que nos sentimos chamados a irradiar nossa fé, cabe-nos proporcionar *vivências* construtivas – de indignação diante da injustiça, de solidariedade,

felicidade, sentido da vida; ajudar as pessoas a prestar atenção ao que acontece e a *interpretar* suas vivências em profundidade, através de um sólido quadro de referência; a fazer isto com o cuidado de evitar o excesso tanto de racionalidade como de emotividade. Em suma: numa sociedade tão marcada por violência e decepção, sermos portadores daquilo que a Bíblia designa com o denso termo *Shalom*.

A experiência pode ser motivada pelo testemunho de uma pessoa e, mais freqüentemente, pela vivência num contexto (família, grupo, comunidade...) marcado pelas dimensões constitutivas da experiência cristã.

Numa época como a nossa, de forte acentuação da subjetividade, temos boas condições para avaliarmos a importância da experiência. Um exemplo: o diálogo ecumênico não pode ficar centrado no debate, pois nossas diferenças não são só doutrinárias. Um dia de trabalho conjunto pela causa dos excluídos pode criar mais laços ecumênicos que meses de discussões teológicas. Temos muito a aprender dos artistas: para vencer pre-

conceitos de raça, nacionalidade ou doença, eles recorrem ao show; quando, depois, se promoverem palestras sobre esses assuntos, elas encontrarão o devido eco.

Experiência e Testemunho:¹⁶ fonte importante de experiência é o testemunho. Testemunhar é atestar publicamente a verdade, o valor do que se viu, ouviu, vive. Testemunhar é mais que dar bom

¹⁴ Cf. Emilio ALBERICH, *A Catequese na Igreja de Hoje*. São Paulo, Edit. Salesiana D. Bosco, 1983, 77-99 (corrigindo, no cabeçalho deste capítulo, “ESPERANÇA” por “EXPERIÊNCIA”). Mario MIDALI, *Esperienza religiosa: quadro di riferimento*. In: *Note de Pastorale Giovanile*, 1996. 2. 8-18. Wolfgang GRUEN, *Interação entre experiência e mensagem na catequese*. In: *Revista de Catequese*, n. 24 (1993), p. 27-36.

¹⁵ O termo “religioso” é tomado aqui no sentido estudado por Paul TILLICH: não como próprio de uma religião, mas como a atitude dinâmica de alguém ao sentido radical, último, de sua experiência. Cf. W. GRUEN, *O Ensino Religioso na Escola*. Vozes, 1995, p. 24 e passim.

¹⁶ Cf. Jon SOBRINO, *Ressurreição da Verdadeira Igreja. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo, Loyola, 1982, cap. 6, p. 167-198. P. JACQUEMONT, J. P. JOSSUA, B. QUELQUEJEU, *Le Temps de la Patience. Étude sur le Témoignage*. Paris, Cerf, 1984. Jean Pierre JOSSUA, *Le témoignage et la communication de la foi dans l’Eglise*. Em: *Lumen Vitae* 1988, 3, p. 247-254.

exemplo. O testemunho resulta não de interesses, por puros que sejam, mas da coerência, convicção, alegria do testemunho. Não tem sequer a pretensão de ser imitado: cativa justamente pelo impacto de sua espontaneidade; deste modo, é fonte de vivências.

Há o testemunho de pessoas, comunidades e até de povos e nações. Pensemos no testemunho mudo de crianças e adolescentes de rua, cuja vida é um grito por carinho e justiça. Com muita propriedade nosso termo “mártir” vem do grego *mártys*, que significa “testemunha”.

Mesmo a vivência tão forte do testemunho necessita de interpretação para tornar-se experiência; e esta experiência será diversificada conforme o tipo de interpretação a que for sujeitada.

Espaços exteriores da experiência cristã

Muitas pessoas sentem-se hoje pouco ou nada motivadas para a vivência da fé cristã. Entre as causas disto, como acenamos acima, aponta-se com insistência a falta de chão, de socialização, com a conseqüente perda do senso de pertença.¹⁷

Isto vem confirmar a importância, primeiramente, da vivência da fé na *família*: as relações interpessoais intensas e o fato de serem constantes e duradouras as experiências na vida familiar fazem da família um terreno sem igual para a semente da fé poder desenvolver-se. Não estamos falando da família idealizada, perfeita: com todas as suas limitações, a família “normal” tem pelo menos o mínimo de condições para cuidar dessa sua tarefa insubstituível.¹⁸

Lugar fundamental de socialização secundária da fé é a *comunidade cristã*, na medida em que for

acolhedora, piedosa, coerente, e estiver a serviço de seus membros e do seu “território”. A comunidade não tem os olhos voltados só para dentro: procurará atingir também a “massa” menos motivada: através de eventos que despertem e animem, atendimento aos problemas do povo, práticas de piedade falantes e bem preparadas.¹⁹

Papel especial está reservado aos diversos tipos de *grupos* que atuam na comunidade e em comunhão com ela. Além do benefício imediato para os membros do grupo, há ainda o que resulta de sua função mediadora. Chame-se Círculo Bíblico, Grupo de Oração ou coisa semelhante, o grupo pode tornar-se valioso lugar de acolhida e aconchego para pessoas, hoje cada vez mais numerosas, que sofrem de alguma forma de isolamento interior ou social: anciãos, migrantes, divorciados, afastados da prática religiosa. Deste modo, os grupos propiciam um lugar aconchegante em que a experiência da fé é possível também àqueles que não se sentem bem numa comunidade ou igreja. Evidentemente, será preciso atentar para a diversidade de formas que o grupo deve assumir, conforme se trate de adultos ou jovens. Detalhe de sérias conseqüências: um grupo voltado apenas sobre si mesmo, em que a emotividade fica à flor da pele – tipo “cheguei, chorei, fiquei” – pode reforçar o narcisismo em vez de ajudar o amadurecimento dos membros.²⁰

Radiografia desses espaços

Como constitutivos dos espaços em que se vive a experiência cristã, podemos identificar quatro elementos que se exigem e se complementam mutuamente e que, juntos, formam a “vida segundo o

¹⁷ Cf. Bernard MARTHALER, La Socialisation comme Modèle pour la Catéchèse. Em: *Catéchèse* 83 (1981), p. 67-94. Franco GARELLI, Verbete *Appartenenza*. In: *Diz. Past. Giov.*, p. 72-78. Carlos PALÁCIO, A Identidade Problemática. (Em torno do mal-estar cristão). In: *Perspectiva Teológica*, 21 (1989), p. 151-177.

¹⁸ Cf. Antônio MOSER, Pastoral Familiar: Desafios e Perspectivas. In: *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)* 48 (1988), p. 103-123. Frei J. O. BARRUEL DE LAGENEST OP. Ensaio de tipologia da Família no Brasil. *REB* 1990, p. 194-200. Hélio e Selma AMORIM, A família, mistério e esperança para o terceiro milênio. Em: *SEDOC*, 23 (1991), p. 576-587.

¹⁹ Cf. Ivo LESBAUPIN (org.). *Igreja: Comunidade e Massa*. São Paulo: Paulinas, 1996.

²⁰ Cf. Riccardo TONELLI. *Gruppi Giovanili e Esperienza di Chiesa*. Roma, LAS, 1983. *Idem*, verbete Gruppo, em *Diz. Pastor. Giovan.*, p. 415-418. José COMBLIN, A Igreja na Casa. In: *REB* 1987, 320-355. Raymond F. COLLINS, Small Groups: An Experience of Church. Em: *Louvain Studies*, 13, Summer 1988, 109-136. Mario POLLO, *Il gruppo come luogo di comunicazione educativa*. Torino-Leumann, LDC, 1988.

Espírito”, a espiritualidade cristã.

1. *A ação evangelicamente transformadora da sociedade*: em defesa da vida e da dignidade primeiramente dos excluídos; a serviço da justiça, do *shalom*. Mencionamos em primeiro lugar essa ação, para assim contestar o primado habitualmente atribuído à palavra. Palavra e agir estão em relação dialética; mas se for preciso começar por uma ou outro, privilegiemos o agir – no caso, o seguimento de Jesus Cristo em seu serviço à causa dos pequenos. O agir servirá também de testemunho e de experiência.²¹

2. *A palavra*: em interação com o agir cristão e indispensável como ele para a irradiação da fé, há a palavra – que ajuda a compreender, interpretar; conscientiza e interpela. Neste contexto, é impossível mencionar a palavra sem falar em primeiro lugar da *Bíblia*. Fique o lembrete, pois o assunto será desenvolvido no próximo Ciclo de Palestras.

No espírito da Bíblia, o cristão revestirá sua palavra de certas características que lhe dão credibilidade:²²

- Quer ser ouvido? Primeiro saiba ouvir. Ouvir principalmente os silenciados, devolvendo-lhes a palavra e levando-a a sério;
- Não pretendemos ter resposta para tudo, nem colocar o ponto final em qualquer questão. O cristão pondera também pontos de vista divergentes e críticas que lhe são feitas;
- Na formulação da fé, respeita a hierarquia das verdades, priorizando os núcleos básicos, o que é mais relevante para orientar, dialogar, transformar;
- Cuidado especial merece o uso dos diversos “jogos lingüísticos” (no sentido de Wittgenstein). Há uma linguagem “de dentro” – no caso, a linguagem da fé, compreendida só por quem vive esta fé; e uma linguagem “de fora”, que trata dessas mesmas realidades a partir

de outra experiência. Não faz sentido falar aos “de fora” como se estivessem por dentro de nossa experiência de fé. É uma das explicações que se dão para o célebre “segredo messiânico” no Evangelho segundo Marcos – não adianta divulgar os milagres de Jesus entre gente que não o segue como discípulo;

- Nesta mesma ordem de idéias está a tarefa nada fácil de traduzir para novos paradigmas a experiência de fé formulada ao longo de dois mil anos numa linguagem hoje muitas vezes muda, inexpressiva. Não é mero problema semântico – não sentir a mínima inquietação pelo fato de expressar a vida cristã com fórmulas fossilizadas equivale a fossilizar a própria fé. Não é assim que se irradia o Nome do Deus vivo.

As formulações da fé de nossa Igreja nasceram a partir da experiência de Deus dos que nos precederam, e a serviço dela. Fazem parte de nosso quadro de referência. São símbolos de nossa pertença eclesial; alimentam a unidade da Igreja; norteiam os fiéis nas mais diversas circunstâncias.²³ Por isso, não cultivamos a doutrina pela doutrina. Não conservamos essas formulações como mentalidade mágica, ou como contas de um colar de número e formato padronizados. Essas formulações fazem parte de um corpo eclesial vivo: como este próprio corpo, serão sempre limitadas, pobres, provisórias, em contínuo crescimento e amadurecimento.

Não basta, pois, assegurar que o maior número possível de pessoas aceite nosso universo simbólico: todo símbolo obtém seu sentido a partir do todo de que faz parte. Nosso universo simbólico está a serviço da causa do Reino de Deus como Jesus o anunciou. É esta causa que importa em última análise. É a partir da experiência de servir à causa do Reino que nossas formulações se manterão vivas.

3. *Comunhão*: outro elemento imprescindível

²¹ Cf. Hugo ASSMANN. **Testemunho e Palavra. Elementos para um conceito de evangelização a partir dos documentos do Concílio Vaticano II**. Mimeogr. 6p., s/l., s/d. (CNBB, Encontro Nacional de Catequese, Rio de Janeiro, julho, 1968).

²² Cf. Wolfgang GRUEN, *Linguagem e Libertação na Catequese*. In: **Rev. de Cateq.** n. 25 (1984), p. 17-30.

²³ Cf. **Textos e Manuais de Catequese**. Estudos da CNBB 53. São Paulo, Ed. Paulinas, 1987.

em todos os lugares da experiência cristã é aquela rede de fraternidade dos cristãos entre si e com os outros, que chamamos comunhão. É um grande diálogo, feito de convicção e respeito; que não discrimina nem renuncia às próprias convicções. Também pouco fecha os olhos à dialética presente em toda a história. É significativo que “diálogo” e “dialética” sejam cognatos, palavras com mesma raiz.

Nessa rede de comunhão, queremos selecionar duas categorias:

- os pequenos, sofredores, excluídos: são os desprezados pela sociedade, que Deus escolheu para envergonhar o que é forte, sábio, poderoso (cf. 1 Cor 1, 26-31);
- mas também os intelectuais têm papel relevante a serviço da comunhão: sem eles não haverá inculturação crítica da fé cristã na pós-modernidade. Além disso, compete aos intelectuais dar visibilidade e credibilidade ao pensamento cristão na esfera em que eles vivem e atuam.²⁴

4. *Celebração e Oração*: finalmente, “last but not least”, temos este tão forte elemento constitutivo de toda experiência de fé que é a celebração. Ela congrega em assembléia, socializa, anima e alegra, convida e educa à participação; sensibiliza e ensina; vive o mistério; celebra a contínua bênção de Deus que nos acompanha; é teofania. Toda feita de

senso do gratuito, alimenta o dia-a-dia, vacinando-nos contra a idolatria do lucro, o espírito de dominação, o racionalismo. E faz tudo isto ao longo de toda a nossa vida, respeitando as forças e o passo de cada pessoa.

O que dissemos da celebração aplica-se, analogamente, também à oração, seja ela feita em grupo ou pessoal. Não é fácil avaliar todo o valor formativo desta escola em que aprendemos a calar, concentrar-nos, meditar, abrir-nos

ao Outro, e buscar força para caminharmos com esperança. Que o diga quem faz a experiência disto.

Na verdade, a pessoa reza não só com palavras e gestos, mas com toda a sua existência: antes de *fazer* qualquer prece, o ser humano é oração.

5. *Espiritualidade*: a interação harmônica entre estes quatro elementos – ação evangélico-transformadora, palavra, comunhão e celebração/oração – resulta no que se costuma chamar de “espiritualidade”, ou “vida segundo o Espírito”, “inspirada” em Jesus Cristo – e por isso mesmo com os pés no chão.²⁵

Não deixa de ser curioso que há quinze anos John Naisbitt, no *best-seller Megatrends*, já citava como a segunda das dez grandes tendências da década a passagem da Tecnologia Forçada ao que ele chamou *High Tech – High Touch*: quanto mais de ponta a tecnologia, maior a exigência que ela

Paradoxalmente, nossa época de tecnologia avançada parece ter mais necessidade de espiritualidade e santidade. As atuais estruturas das Igrejas, porém, estão adequadas? Elas são desafiadas a um “empenho por qualidade” e a uma ação pensada para favorecer a sinergia de todos os que buscam aprofundar e partilhar a fé cristã.

²⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Cultura: Cultivo Pleno e Integrado do Homem*. Encontro com os intelectuais, Rio de Janeiro 1/7/1980. In: **Pronunciamentos do Papa no Brasil**. Vozes, 1980, p. 48-52.

²⁵ Jon SOBRINO. *Seguimento de Cristo e Espiritualidade*. In: VV.AA. **Vida, Clamor e Esperança**. São Paulo, Loyola, 1992, p.153-164. Horst GOLDSTEIN. **Kleines Lexikon zur Theologie der Befreiung**. Dusseldorf, Patmos, 1991. *Verbete Spiritualität*, p. 212-215.

cria de sensibilidade humana, espiritual, para contrabalançá-la.²⁶ Está aí uma das grandes lições da pós-modernidade: o eixo de nossa vida não é constituído pelo dinheiro, poder, conforto, ou pela apatia: deve ser procurado muito além.

A este propósito, não podemos deixar de mencionar aquelas pessoas que deram e dão testemunho de uma espiritualidade particularmente sólida e sadia, os santos. Valha por todas a inesperada reflexão feita por um respeitado estudioso protestante, meio século atrás. Discursando na Assembléia do Protestantismo Francês em Nancy, outubro de 1950 (bem antes do Concílio Vaticano II), o Prof. Pierre Burgelin observou que o catolicismo reconquistou na Europa parte importante do terreno que perdeu depois da Reforma. Ao aduzir algumas causas dessa reconquista, o conferencista deteve-se sobre a espiritualidade católica, e particularmente sobre a devoção aos santos. “Que peso têm as razões dos teólogos diante do testemunho dos santos?”, perguntou. E depois de mencionar frutos de santidade presentes na Igreja católica, observou: “A mais profunda sedução católica, a única que tem valor, vem do prestígio dos santos”.²⁷

Concretizações

Concretamente, os espaços em que se processa de modo sistemático a irradiação da fé cristã entre adultos assumem formas diversas, tais como: itinerários de iniciação à fé para candidatos adultos ao batismo; grupos de oração/reflexão/ação; encontros com pais e padrinhos quando dos sacramentos de iniciação dos filhos/afilhados; preparação dos noivos para o casamento; cursos de aprofundamento teológico ou de liderança; colóquios pessoais; celebrações litúrgicas; comunidades eclesiais; paróquias realmente vivas; as diversas pastorais; os meios de comunicação social.²⁸

Estruturas

Diante da complexidade de nossa sociedade não podemos contentar-nos com piedosas exortações, vagas orientações e meras iniciativas locais, programadas a partir de exigências conjunturais. Mesmo que fosse possível, não advogaríamos uma Igreja hegemônica – no sentido tão bem analisado por Gramsci²⁹. Entretanto, a experiência cristã merece ser difundida na sociedade; precisa de visibilidade, para que se perceba quanto ela é significativa. Isto equívale a dizer que precisamos de estruturas e instituições transparentemente evangélicas, não dominadoras mas de serviço, que dêem o devido suporte às iniciativas dos que irradiam a fé cristã.³⁰

DESAFIOS

Ao longo deste esboço, mil e um desafios foram dando as caras a cada esquina: a dialética identidade/abertura ao diferente; o equilíbrio entre o espírito bíblico de provisoriedade (“êxodo”) e sua radicalização; nossa postura diante da pós-modernidade, com seus limites e valores; e por aí afora. Não será com fórmulas simplistas que enfrentaremos tais desafios: eles terão que ser assumidos com seriedade pelas Igrejas locais. Por isso, limitemo-nos a refletir sobre duas exigências básicas para tal tarefa.

Empenho por “qualidade evangélica”

Indústria, comércio e serviços de todo tipo porfiam em recorrer hoje ao conceito quase mágico de “Qualidade Total”. Não é mera retórica: quem não serve bem fica para trás.

Também na irradiação da fé é “tempo de acordar” (cf. Rm 13,11); de deixar para trás truques,

²⁶ John NAISBITT, *Megatrends. Ten New Directions Transforming Our Lives*. New York: Warner books, 1982, p. 35-52.

²⁷ Pierre BURGELIN, *Psychologie Protestante et Psychologie Catholique*. Em: *Foi et Vie*, jan./fev. 1951, p. 25-44.

²⁸ Emilio ALBERICH e Ambroise BINS. *Forme e Modelli di Catechesi con gli Adulti*. Torino-Leumann, LDC, 1995.

²⁹ Cf. Luciano GRUPPI. *O conceito de Hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

³⁰ Cf. Hugues PORTELLI. *Gramsci e a Questão Religiosa*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1984, p. 131 ss.

negligências, lei do menor esforço, “pastoral do medo”.³¹ Aderir a programas de qualidade total é antes de tudo uma questão de mentalidade: supõe valorização das pessoas, respeito pela diversidade de culturas, entusiasmo pela causa, humildade para reconhecer nossos limites e falhas.

Para evitar ambigüidades, em vez de “Qualidade Total”, podemos falar de “Qualidade Evangélica”. Com efeito, também a Bíblia, embora não com este nome nem com as técnicas de que nós dispomos, já recomenda a busca de qualidade. Usa categorias como “santidade”, “perfeição”, “justiça”; em Gn 1 todo o universo criado é simplesmente apresentado como “bom” (sete vezes!): é a “qualidade total” inerente ao próprio projeto de Deus em sua globalidade.

Agir com qualidade implica ter clareza quanto a crenças, valores e objetivos que nos orientam; a partir daí, planejar, organizar, executar e avaliar. Não se descarta o agir espontâneo, artesanal, despretensioso, dos pequenos – a generosa “oferta da viúva” de que fala Lc 21,1-4; mas, dentro deste mesmo espírito, exige-se mais de quem pode dar mais.

Qualidade não rima com individualismo: supõe trabalho integrado. Precisamos reaprender a pensar em termos de sistema: como o profeta Ezequiel, o apóstolo Paulo, São Bento de Núrsia; mas de maneira condizente à nossa realidade. Isto nos introduz a um segundo desafio, derivado da exigência de qualidade.

Uma “Política Pastoral” de Qualidade

A complexidade do tempo em que vivemos, agudizada pela extensão do nosso País, está a exigir mais articulação das forças vivas que atuam no Brasil pela causa do Reino. Fiquemos aqui com uns poucos toques que pelo menos esclareçam as gran-

des linhas desse desafio.

Não só na atuação prática (catequese, homilias) mas também em nossa organização geral, ainda continuamos muito presos ao método dedutivo: emanam-se documentos que, supõe-se, devem ser cumpridos. Quando? Por quem? Com que meios? Quem faz a avaliação? Ninguém se responsabiliza. Confundimos declaração de desejos ou vagas recomendações com vontade política. Daí a persistência de nossa linguagem idealista.

É tempo de aderirmos a procedimentos mais funcionais; de adotarmos o *Planejamento Participativo*, conduzido com realismo, honestidade e aquela “macropontualidade” que nos torna atentos não só ao relógio mas ao ritmo acelerado do nosso tempo. Já temos boas experiências: a Campanha da Fraternidade, o Projeto Construir a Esperança em Belo Horizonte, e o nascente Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao Jubileu do Ano 2000.³² É possível caminhar mais? Creio que sim.

Precisamos aprofundar nossa visão de futuro, perceber para onde sopram os ventos, identificar os problemas emergentes. Suponhamos: a médio e longo prazo, convém que a Igreja adote certas formas de *marketing*? Ou, com horizontes mais amplos: a tendência dos conflitos no futuro próximo é serem eles interculturais ou intraculturais? Este problema aparentemente teórico ainda vai nos dar muito que fazer.

Uma vez identificados os problemas relevantes, será preciso traduzir prognósticos em estratégia política. Sem isto, sempre de novo seremos pegos de surpresa, condenados a remediar em vez de prevenir.

A elaboração de uma política pastoral de qualidade exige que saibamos socorrer-nos de pessoas e entidades qualificadas. Temos tantas institui-

³¹ A expressão tragicamente pitoresca é de Jean DELUMEAU. *Cristianità e Cristianizzazione. Un itinerario storico*. Torino: Marietti, 1984, p. 277. Ver principalmente: Id., *História do Medo no Ocidente, 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

³² CNBB. *Rumo ao Novo Milênio. Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em Preparação ao Grande Jubileu do Ano 2000*. Docum. da CNBB 56. São Paulo: Paulinas, 1996.

ções, tantos peritos nos diversos campos do saber, gente disposta a trabalhar: clero, leigos, religiosos. Não pensemos só nos católicos ou cristãos; nem só nos que têm estudos. Somando forças, podemos repartir tarefas, diminuir investimentos e duplicações, multiplicar resultados. É a lei da sinergia, já preconizada por Jesus: quando se trata de fazer o bem, “quem não é contra nós está a nosso favor” (Mc 9,38-40).

*“De quem já sabe, o dever
(luz repartida) é dizer.
Quando a verdade for flama
nos olhos da multidão,
o que em nós hoje é palavra
no povo vai ser ação.”*

Thiago de Mello³³

A NOSSA PARTE

A sinergia a que nos referimos há pouco pode começar aqui. Um grupo de pessoas interessadas reúne-se, com liberdade de expressão, para debater, aprofundar, criticar, verbalizar o que nós do clero muitas vezes não enxergamos. Embora o grupo seja pequeno, constitui um laboratório de reflexão cristã. Daí a importância não só das palestras, mas do debate, das sugestões, do novo que aqui desponta. Por enquanto nossa voz é fraca. Mas ouvamos sonhar. Seja qual for o desenvolvimento futuro desta iniciativa, acreditamos que “é melhor acender um fósforo que maldizer a escuridão”.

As idéias aqui lançadas foram propositalmente mantidas em aberto: mais importante agora é o debate que elas visam provocar.

³³ “Quando a Verdade for Flama” (1980). In: Thiago de MELLO. **Mormaço na Floresta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p.51.

Referências bibliográficas

01. ALBERICH, Emilio, BINS, Ambroise. **Catequesis de adultos**: elementos de metodologia. Madrid: Centro Catequístico Salesiano, 1994.
02. ALBERICH, Emilio, BINS, Ambroise. **Forme e modelli di catechesi con gli adulti**. Torino: Leumann, 1995.
03. ALBERICH, Emilio. **A catequese na Igreja de hoje**. São Paulo: Salesiana D. Bosco, 1983.
04. AMORIM, Hélio, AMORIM, Selma. A família, ministério e esperança para o terceiro milênio. **SEDOC**, v. 23, p. 576-587, 1991.
05. ASSMANN, Hugo. **Testemunho e palavra**; elementos para um conceito de evangelização a partir dos documentos do Concílio Vaticano II. [s. l.]:[s. n.], 196-.
06. BARRUEL DE LAGENEST, Frei J. O. Ensaio de tipologia da família no Brasil. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 50, p. 194-200, 1990.
07. BURGELIN, Pierre. Psychologie protestante et psychologie catholique. **Foi et Vie**, p. 25-44, jan./fev. 1951.
08. CANEVACCI, Massimo. O sincretismo luta contra a dominação. **Jornal do Brasil**, 01 set. 1996. Caderno B, p. 6.
09. CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998**. São Paulo: Paulinas, 1995.
10. CNBB. **Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil 1991-1994**. São Paulo: Paulinas, 1991.
11. CNBB. **Rumo ao novo milênio**: projeto de evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande jubileu do ano 2000. São Paulo: Paulinas, 1996. (Documento da CNBB, n. 56).
12. COLLINS, Raymond F. Small groups; an experience of Church. **Louvain Studies**, v. 13, p. 109-136, Summer 1988.
13. COMBLIN, José. A Igreja na casa. **Revista Brasileira Eclesiástica**, v. 47, p. 320-355, 1987.
14. DELUMEAU, Jean. **Cristianità e cristianizzazione**: un itinerario storico. Torino: Marietti, 1984.
15. DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
16. FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer; psicologia de grupo e outros trabalhos**. In: EDIÇÃO Standard Brasil das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 18.
17. GARELLI, Franco. Appartenenza. In: MIDALI, Mário, GONELLI, Ricardo (Orgs.). **Dizionario di pastorale Giovanile**. Torino: LDC, 1989. p. 72-78.
18. GOLDSTEIN, Horst. **Kleines Lexikon zur Theologie der Befreiung**. Dusseldorf: Patmos, 1991.
19. GRUEN, Wolfgang. Interação entre experiências e mensagem na catequese. **Revista de Catequese**, n. 24, p. 27-36, 1993.
20. GRUEN, Wolfgang. Linguagem e libertação na catequese. **Revista de Catequese**, n. 25, p. 17-30, 1984.
21. GRUEN, Wolfgang. **O ensino religioso na escola**. Petrópolis: Vozes, 1995.
22. GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
23. JACQUEMONT, P., JOSSUA, J. P., QUELQUEJEU, B. **Le temps de la patience**: étude sur le témoignage. Paris: Cerf, 1984.
24. JOÃO PAULO II, Papa. Cultura; cultivo pleno e integrado do homem. In: PRONUNCIAMENTOS do Papa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 48-52.
25. JOSSUA, Jean Pierre. Le témoignage et la communication de la foi dans l'Eglise. **Lumen Vitae**, n. 3, p. 247-254, 1988.

26. KNITTER, Paul. Diálogo inter-religioso e ação missionária. 5º Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 5), Belo Horizonte, 1995.
27. LESBAUPIN, Ivo. (Org.). **Igreja: comunidade e massa**. São Paulo: Paulinas, 1996.
28. LIBÂNIO, João Batista. Plausibilidade do cristianismo histórico no mundo atual. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1., n. 1, p. 9-23, 1997.
29. MARTHALER, Bernard. La socialisation comme modèle pour la catéchèse. **Catéchèse**, v. 83, p. 67-94, 1981.
30. MELLO, Thiago de. **Mormaço na floresta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
31. MIDALI, Mario. Esperienza religiosa: quadro di riferimento. **Note di Pastorale Giovanile**, v. 30, p. 8-18, 1996.
32. MILANESI, Giancarlo. Giovani e società complessa: le radici della lontananza religiosa. **Note di Pastorale Giovanile**, v. 20, p. 3-11, 1986.
33. MOLARI, Carlo. Il cristiano adulto: l'uomo dalla fede adulta. **Note di Pastorale Giovanile**, v. 24, p. 18-31, 1990.
34. MOSER, Antonio. Pastoral familiar: desafios e perspectivas. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 48, p. 103-123, 1988.
35. NAISBITT, John. **Megatrends: ten new directions transforming our lives**. New York: Warner Books, 1982. p. 35-52
36. PALÁCIO, Carlos. A identidade problemática: em torno do mal-estar cristão. **Perspectiva Teológica**, v. 21, p. 151-177, 1989.
37. POLLO, Mario. Giovani e adulti oggi: una lettura antropologica. **Note di Pastorale Giovanile**, v. 24, p. 10-17, 1990.
38. POLLO, Mario. **Il gruppo come luogo di comunicazione educativa**. Torino: Leumann, 1990.
39. PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a questão religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1984.
40. PULIKAN, Joy K. **A study on James William Fowler's concept of faith development and the stages of faith**. Roma: Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, 1995. (Tese, Doutorado).
41. SCHUTZ, Roger. **Dinâmica do provisório**. São Paulo: Duas Cidades, 1967.
42. VV. AA. **Teshuah et Repentance**. SIDIC, XXIX, n. 1, 1996 (Serviço Internacional de Documentação Judeu-Cristã, Roma).
43. SOBRINO, Jon. **Ressureição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia**. São Paulo: Loyola, 1982.
44. SOBRINO, Jon. Seguimento de Cristo e espiritualidade. In VV. AA. **Vida, clamor e esperança**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 153-164.
45. SUESS, Paulo. La misión de la Iglesia en el mundo: a los 30 años de Ad Gentes (7 de diciembre de 1965). **Spiritus**, v. 140, p. 121-135, 1996.
46. TEXTOS e manuais de catequese. São Paulo: Paulinas, 1987. (Estudos da CNBB, 53)
47. TONELLI, Riccardo. **Gruppi Giovanili e esperienza di Chiesa**. Roma: LAS, 1983.
48. TONELLI, Riccardo. Gruppo. In: MIDALI, Mário, TONELLI, Riccardo (Orgs.). **Dizionario di Pastorale Giovanile**. Torino: LDC, 1989. p. 415-418.
49. VECCHI, Juan. Território. In: MIDALI, Mário, TONELLI, Riccardo (Orgs.). **Dizionario di Pastorale Giovanile**. Torino: LDC, 1989. p. 1112-1118.
50. WERBICK, Jurgen. **Vom Wagnis des Christenseins**. Wie glaubwürdig is der Glaube? München: Kosel, 1995.